

As infecundas promessas da vida que não vivemos

EMÍLIA COSTA

Título: *Your Best Guess*. Autor: Chris Thorpe. Direcção: Jorge Andrade. Cenografia e figurinos: José Capela. Luz: Daniel Worm d'Assumpção. Som: Rui Lima e Sérgio Martins. Vídeo de divulgação: Jorge Jácome e Marta Simões. Fotografia: José Carlos Duarte. Design gráfico: Marta Ramos. Interpretação: Chris Thorpe e Jorge Andrade. Produção: Pelouro da Cultura da Câmara Municipal do Porto, Culturgest e Mala Voadora. Local e data de estreia: Galeria Municipal do Porto, Porto, 3 de Julho de 2015.

Só uma coisa me entristece
O beijo de amor que não roubei
A jura secreta que não fiz
A briga de amor que não causei
Nada do que posso me alucina
Tanto quanto o que não fiz.
«JURA SECRETA», SUELI COSTA

O espectáculo *Your Best Guess* resulta de uma colaboração entre Jorge Andrade (actor, encenador e co-fundador, com José Capela, da companhia teatral Mala Voadora) e Chris Thorpe (escritor e *performer* inglês, fundador da companhia teatral Unlimited Theatre), em residência artística, desde Abril de 2015, na cidade do Porto, vindo a estrear na Galeria Municipal do Porto a 3 de Julho de 2015. Posteriormente, entre os dias 7 a 11 de Julho de 2015, o espectáculo foi apresentado no pequeno auditório da Culturgest, em Lisboa, integrando a programação do Festival de Almada.

Apesar de esta colaboração já ter laços sedimentados – Chris Thorpe escrevera anteriormente as peças *Overdrama*, *Casa & Jardim* e *Dead End* para a Mala Voadora –, pela primeira vez, Chris Thorpe aceitou o desafio da representação. Assim, dois actores, Jorge Andrade e Chris Thorpe, apresentam-se ao público português, assumindo todas as personagens da peça, numa interpretação bilingue. O facto de um deles ser inglês poderia ter criado algum obstáculo, porém, Jorge Andrade, com grande mestria, integrou as legendas como elemento cénico. A sua projecção, por cima da porta que nunca se abre, atinge, a dado momento, um papel de destaque, quando os actores, de costas para



YOUR BEST GUESS, DE CHRIS THORPE, ENC. JORGE ANDRADE, MALA VOADORA, 2015 (JORGE ANDRADE E CHRIS THORPE), [F] JOSÉ CARLOS DUARTE



YOUR BEST GUESS, DE CHRIS THORPE, ENC. JORGE ANDRADE, MALA VOADORA, 2015 (JORGE ANDRADE), [F] JOSÉ CARLOS DUARTE



YOUR BEST GUESS, DE CHRIS THORPE, ENC. JORGE ANDRADE, MALA VOADORA, 2015 (JORGE ANDRADE E CHRIS THORPE),
[F] JOSÉ CARLOS DUARTE



YOUR BEST GUESS, DE CHRIS THORPE, ENC. JORGE ANDRADE, MALA VOADORA, 2015 (JORGE ANDRADE),
[F] JOSÉ CARLOS DUARTE

os espectadores, seguem atentamente a passagem, em velocidade acelerada, das legendas de toda a peça até aquele momento.

E, se o texto deste espectáculo foi surgindo em simultâneo com o próprio espectáculo, numa criação viva, participativa e frequentemente mutável, não deixou, porém, de partir de um conceito inicial assente numa situação verídica. Em 2008, a final da Liga dos Campeões ia ser disputada pelas equipas Manchester United e Chelsea, e, na véspera desse grande jogo, quando Chris Thorpe se encontrava num *pub* em Manchester a beber, foi abordado por um vendedor que pretendia vender-lhe uma *t-shirt* onde se lia «Manchester United – Campeões europeus 2008». Nem Chris Thorpe, nem ninguém naquele *pub*, assumiu o risco de adquirir uma *t-shirt* que, no dia seguinte, poderia ser bastante valiosa ou não ter qualquer valor, tudo dependendo da imprevisibilidade do que viesse a acontecer. A nenhum coube esse acto de fé. Mas este simples acontecimento, quase irrelevante na vida de Chris Thorpe, fê-lo pensar no destino que era dado às *t-shirts* que não acertavam no vencedor, a esses objectos falhados que representavam uma expectativa de realidade jamais concretizada. E, partindo deste conceito, rapidamente Chris Thorpe viu-se confrontado, não apenas com objectos de sonhos fracassados, mas também com outras possibilidades de vida que, por circunstâncias imprevistas, nunca aconteceram.

Esta ideia dual, entre o que é e o que podia ter sido, é inteligentemente transposta para o cenário minimalista com que José Capela, arquitecto de formação, nos brinda. Aos poucos, perante os nossos olhos, surge do lado esquerdo do palco uma réplica quase perfeita do lado direito: à mesma distância, os mesmos objectos – duas cadeiras vermelhas, um projector assente num tripé e um relógio pendurado na parede –, como se fossem dois cenários gémeos; porém, sem disfarce, num dos lados, destaca-se um apontamento discordante, aquele que sempre separará a realidade da ilusão. Assim, do lado direito do palco, do lado da realidade, pendurada na parede, por cima do relógio, uma pistola. A pistola, que, bem sabemos, irá tornar muitos futuros irrealizáveis. Nesta sábia maneira de nos contar a história através dos objectos, apercebermo-nos, à medida que a peça se aproxima do seu fim, da desertificação do lado esquerdo, que vai perdendo todos os objectos (as cadeiras, o projector, o relógio e a própria parede), um a um, num simbolismo espacial de que a vida que não vivemos não passa de um vazio.

Se o cenário reforça esta sensação de impotência perante o que poderia ter sido, as histórias contadas como longos poemas musicais, aqui e ali, acompanhadas ou interrompidas pela música, numa brilhante selecção efectuada em colaboração com os músicos Rui Lima e Sérgio Martins, transportam-nos, sem apelo nem agravo, ao mais íntimo de nós mesmos, à nossa irrelevância perante a imponderabilidade da História, e nem os intervalos de humor nos conseguem salvar.

Também o jogo de luz e sombra, irrepreensivelmente construído por Daniel Worm d'Assumpção, intensifica a sensação da inevitabilidade do incerto, independentemente do nosso empenhamento no controlo das nossas vidas, da necessidade de acreditarmos que nada vai mudar.

Os figurinos, da responsabilidade de José Capela, de uma evidente informalidade, apontam para duas realidades aparentemente idênticas, mas subtilmente diferentes – as calças e as *t-shirts*, com uma nuvem estampada, são idênticas, mas os ténis dos actores divergem subtilmente. A vida real e a vida sonhada, por maiores semelhanças que tenham, não se confundem.

A peça inicia-se com uma conversa entre amigos, como se fosse uma conversa banal; porém, rapidamente somos confrontados com a circunstância de se tratar de uma entrevista gravada, e, desse modo, tomamos conhecimento do percurso de normalidade de um homem comum, incluindo as habituais perplexidades dessa vivência modelar – a transformação, num ápice vertiginoso, de filho em marido e pai. Essa entrevista relata-nos a maneira ocasional como o entrevistado (Chris Thorpe) estabeleceu uma relação afectiva com a mulher com quem se casou e teve filhos, e, quando parece que vamos finalmente tomar conhecimento de algo insólito na vida deste homem, o relato é subitamente interrompido por uma intermitência luminosa, que nos faz imaginar uma multiplicidade de acontecimentos trágicos, sem sabermos sequer se regressaremos a esta história.

De imediato, Jorge Andrade, de pé, descreve-nos outra história, a de uma aldeia com quatrocentas pessoas que iria ser submersa por uma barragem, pelo que o governo, na tentativa de reduzir os transtornos para os habitantes dessa aldeia, decidiu construir, nas imediações, uma aldeia exactamente igual àquela que iria deixar de existir. Depois de a nova aldeia já estar construída, num diálogo de sagaz humor, Jorge Andrade e Chris Thorpe lêem as falas de um



YOUR BEST GUESS,
DE CHRIS THORPE,
ENC. JORGE ANDRADE,
MALA VOADORA, 2015
(CHRIS THORPE E JORGE
ANDRADE), [F] JOSÉ
CARLOS DUARTE

casal de velhotes que foi visitar a sua nova casa, tendo o homem se apercebido da inexistência de uma racha que existia na parede da cozinha da casa antiga, e, sentindo-se enganado, decidiu fazer ele a racha que faltava. Mas, como a barragem nunca veio a ser construída, os habitantes da aldeia nunca se mudaram e, sempre que alguma coisa corria mal, não conseguiam deixar de pensar nas vidas que teriam tido se tivessem mudado. Aquela aldeia inabitada pertencia-lhes, como um futuro prometido e falhado, pelo que a fizeram implodir, só para que mais ninguém lá fosse viver.

E, de novo, regressamos ao entrevistador e ao entrevistado, sentados, virados para nós, com a «normalidade», esse tempo que medeia grandes mudanças, a quebrar-se na vida daquele homem perante um acontecimento trágico. Sem que nada o fizesse prever, a mulher, a pessoa com quem compartilhava o dia-a-dia, tranquilamente monótono, sofreu um AVC e ficou em estado vegetativo persistente. Quando é o corpo quem decide o nosso prazo de validade, poderá existir «normalidade»?

Após uma interrupção musical, na penumbra, Jorge Andrade revela-nos a história de um amigo que subitamente se matou, deixando por realizar um concerto já com bilhetes vendidos, o que levou várias pessoas a devolverem esses bilhetes para a morada

do morto, acompanhados por longas cartas, onde descreviam todo o futuro que ficara por realizar por não terem assistido àquele concerto. E nós, espectadores enfeitados pelas histórias que se sucedem, encontramos semelhanças entre esse amigo e o entrevistado, ambos músicos e com pistolas por perto. O homem de quarenta anos, com dois filhos e uma mulher em coma, não aguentou o inesperado?

Voltamos à entrevista, e ao desconsolo de um pai que não sabe como contar aos filhos a sua própria ignorância sobre o futuro da mãe: regressará do coma ou morrerá? Como descrever a duas crianças de onze e dez anos que, afinal, o pai deles não controla o destino e é um ser frágil e desesperado? E então decide-se a escrever uma carta aos filhos, como se tivesse sido escrita pela mãe, a ser entregue apenas no caso de ela morrer. O destino dessa carta está nas mãos do imponderável, mas a carta apazigua-o, é uma espécie de amuleto, como se, ao ter arranjado uma solução para aquele destino, existisse uma espécie de garantia de que não seria esse o destino escolhido.

Com novas intermitências de luz, a última história, monólogo humorístico de Jorge Andrade, a reflectir sobre a economia capitalista. As *t-shirts* das equipas vencidas que erradamente anunciavam a vitória tinham uma utilidade. Eram enviadas para os campos de refugiados e enchiam as cabeças dos jovens de sonhos de vitória. O conhecimento histórico daqueles jovens refugiados era totalmente errado, mas também o valor de mercado das *t-shirts* era nulo. Porém, e porque o capitalismo é um mundo de oportunidades, mesmo para coisas que não têm nenhuma utilidade, um refugiado que conseguiu ir para os Estados Unidos veio a fazer uma fortuna com a venda daquelas *t-shirts* a colecionadores.

O espectáculo termina com o entrevistado a ler-nos a carta que apenas será entregue aos filhos se a mulher morrer, e depois, levanta-se, pega na viola e canta a melancólica canção «(Sittin'on) the dock of the bay», de Otis Redding.

Numa atmosfera intimista, Chris Thorpe e Jorge Andrade, assumidos contadores de histórias, comovem-nos com os seus relatos de uma ironia triste sobre o que nunca se concretizou, relembrando-nos a nossa humana insignificância.